

## A rEvolução Darwiniana – Ciclo de conferências

4ª sessão: 1 de Abril: “Ciência e crença: uma relação perigosa?”

MODERADOR: **António M. Nunes dos Santos**



### MiniCV

Licenciado em Engenharia Químico-Industrial pelo Instituto Superior Técnico (IST), doutorado em Ciências Tecnológicas pela prestigiada Politécnica Federal de Zurique (ETH) e Agregado em Teoria das Ciências e Pensamento Contemporâneo pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Professor Catedrático, foi Vice-Presidente do Conselho Científico (1996-99), Presidente do Conselho Científico (1999-2003) e Director da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL (2003-2006). Estudou na Universidade de Edimburgo onde iniciou o seu doutoramento e foi Visiting Research Fellow da Universidade de Kent e coordenou o Centro de Investigação em História e Filosofia da Ciência, um dos Centros da Fundação para a Ciência e a Tecnologia do MCTES. Os seus interesses vão desde Comportamento de Reactores Químicos até Evolução das Ideias Científicas na Química (Séculos XVIII-XX) e na Física (Séc XX, primeira metade) bem como Epistemologia e Filosofia da Ciência.

ORADORES:

**Luís Archer**



“Evolução e criação”

Contrariamente ao que pensava Charles Darwin, não há incompatibilidade entre evolução darwiniana e criação segundo a concepção cristã. O conceito metafísico de criação, exprime-se pela total e radical dependência de Deus por parte de todo o existente. Podemos distinguir em cada ser, a sua essência (entidade pela qual ele é o que é), e o seu dinamismo existencial (que causa a sua própria evolução). Segundo o teólogo Karl Rahner, a acção criadora de Deus não faz parte da essência dos seres (o que seria panteísmo) mas sim do seu dinamismo existencial. O surgir da vida em termos de evolução química da matéria, não elimina a acção criadora de Deus. Apenas a purifica do carácter de uma intervenção inesperada, não imanente. A evolução das espécies, incluindo a hominização, aparece-nos como um fenómeno de superação, em que um ser de essência menos, pelo poder de Deus (que entra na sua causalidade mas não na sua essência) se supera, originando, ele próprio, um ser de essência mais. Nesse sentido, foi um símio que evoluiu a caminho do homem, não por força da sua essência, mas por força da acção de Deus que faz parte do seu dinamismo existencial.

### Mini-CV

Luís Jorge Peixoto Archer, licenciado em biologia (Porto, 1947), filosofia (Braga, 1954) e teologia (Frankfurt/Main, 1960); doutorado em genética molecular (Washington, D.C., 1967) e em botânica (Porto, 1969); professor catedrático jubilado de genética molecular (FCT/UNL), que introduziu no nosso País.

.../...

## A rEvolução Darwiniana – Ciclo de conferências

4ª sessão: 1 de Abril: “Ciência e crença: uma relação perigosa?”

ORADORES (cont.ão):

**Olga Pombo**

**“Crença e ciência: uma relação delicada”**



Interrogar o conceito de crença e as suas principais determinações (linguísticas, comportamentais, cognitivas) e mostrar, mediante alguns exemplos paradigmáticos, de que modo a compreensão da ciência se pode afastar ou aproximar dessas determinações.

Mini-CV

Doutorada em História e Filosofia da Educação pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e Professora Auxiliar de Filosofia da Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É a coordenadora do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa. É autora, entre outras obras, de *Leibniz and the Problem of a Universal Language* (Münster: Nodus Publikationen, 1987), *A Escola, A Recta e o Círculo* (Relógio de Água, 2002) e *Interdisciplinaridade. Ambições e Limites* (Lisboa: Relógio d'Água, 2004).

**Ludwig Krippahl**

**“A Quarta Causa”**



Aristóteles propôs que era preciso conhecer quatro “causas” para se compreender algo: a sua forma; a substância de que é feito; o processo que o gerou, o que hoje chamamos causa; e o seu propósito. Por implicar um desígnio inteligente, esta quarta causa de Aristóteles teve um papel importante na teologia cristã e, ainda hoje, leva muitos cristãos a rejeitar a teoria da evolução. Os mais fundamentalistas rejeitam-na totalmente, negando que os seres vivos tenham surgido de alguma forma que não seja aquela descrita no livro do Génesis. Mas mesmo os cristãos moderados rejeitam, implícita ou explicitamente, uma parte importante desta teoria. A parte que diz que todos os seres vivos, incluindo os humanos, devem a sua existência a um processo natural, desprovido de inteligência e que não decorre com um fim em vista.

Mini-CV

Doutorado em bioquímica estrutural e professor auxiliar no Departamento de Informática da FCT/UNL. Os seus interesses profissionais centram-se na bioinformática, programação e pensamento crítico. Nos tempos livres tenta dialogar com criacionistas acerca da evolução, tendo participado em debates acerca dos conflitos entre explicações científicas e crenças religiosas. Mas, até agora, o melhor que conseguiu foram monólogos a várias vozes.